



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

02 de abril de 2016

Notícias do Dia Geral

“Estudantes serão avaliados”

Estudantes serão avaliados / Medicina / Aloizio Mercadante / Ansem / Avaliação Nacional Seriada dos Estudantes de Medicina / Inep / Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira / Programa Mais Médicos / Exame Nacional do Revalida / Revalidação de Diplomas Médicos Expedidos por Instituição de Educação Superior Estrangeira

MEDICINA

Estudantes serão avaliados

O ministro da Educação, Aloizio Mercadante, anunciou nesta sexta-feira as diretrizes da Ansem (Avaliação Nacional Seriada dos Estudantes de Medicina), que serão aplicadas aos alunos a cada dois anos. O objetivo é realizar o monitoramento progressivo da qualidade do ensino de medicina a partir de agosto deste ano.

A Ansem busca avaliar conhecimentos, habilidades e atitudes necessários à prática médica pelos graduandos durante o processo formativo. A prova será aplicada pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) aos estudantes do segundo, quarto e sexto anos. Com base na lei do programa Mais Médicos (12.871/2013), a avaliação será

um componente curricular obrigatório e condição para a diplomação dos novos médicos.

De acordo com o ministro, a avaliação tem impacto na qualidade da formação médica no Brasil. “É uma avaliação muito mais completa, que vai ajudar a avaliar tanto o estudante quanto a instituição”, disse Mercadante.

As avaliações do segundo e quarto anos terão caráter formativo, indicando pontos fortes e deficiências. No sexto ano de curso, a prova seguirá os moldes do Exame Nacional do Revalida (Revalidação de Diplomas Médicos Expedidos por Instituição de Educação Superior Estrangeira) e os estudantes deverão atingir uma nota mínima para que possam se formar.

Diário Catarinense Visor

“Professor verde”

Professor verde / Antonio Carlos Brasil Pinto / Câmara de Vereadores de Florianópolis / Medalha Professor João David Ferreira Lima / Ministério Público / Unoesc / Univali / Cesusc / UFSC / OAB-SC / Banda Dr. Zero

PROFESSOR VERDE

O advogado e professor Antonio Carlos Brasil Pinto recebeu recentemente da Câmara de Vereadores de Florianópolis a Medalha Professor João David Ferreira Lima, concedida aos cidadãos que contribuem com a educação. Aposentado pelo Ministério Público e especialista em direito ambiental, ele foi autor das primeiras ações em defesa do meio ambiente no Estado e já compartilhou seus conhecimentos com alunos da Unoesc, Univali, Cesusc, UFSC e escolas da OAB/SC, do MP e da magistratura. Nas poucas horas vagas tem outra paixão: a bateria, que toca na Banda Dr. Zero, formada só por músicos do meio jurídico catarinense.



Notícias do Dia Política

"Polarização se torna parte do dia a dia no Brasil"

Polarização se torna parte do dia a dia no Brasil / Dilma Rousseff / Manifestações / Impeachment / Florianópolis / MBL / Movimento Brasil Livre / Ramiro Zinder / BNDES / Caixa Econômica Federal / Rafael Pereira / Movimento da UFSC Contra o Golpe pela Democracia / Universidade Federal de Santa Catarina / TCU / Coxinha / Petralha / Brasil / Tribunal Superior Eleitoral / Marina Silva / Eduardo Cunha / Pedaladas fiscais / Fifa / Jeison Heiler / PUC / Joinville / Valdete Daufemback / Ielusc / Emil Albert Sobottka / Luiz Inácio Lula da Silva / Getúlio Vargas / PUC-RS / Jacques Mick

Política

EDITOR: Altair Magagnin @altairmagagnin@noticiasdodia.com.br @altairmj_ND

Polarização se torna parte do

Protestos. Lado a lado, o que pensam críticos e apoiadores de Dilma

DAIANA CONSTANTINO
daiana.constantino@noticiasdodia.com.br
@ND_Online

De que lado você samba? Essa é uma pergunta que costuma ser provocada quando o assunto é o governo Dilma Rousseff nas rodas de conversas. O debate que separa os favoráveis e os contrários à atual gestão petista passou a fazer parte do dia a dia dos brasileiros e tem dominado a mobilização de movimentos sociais e populares que defendem com unhas e dentes seus pontos de vista. Essa divisão pode ser observada nas últimas manifestações pró e contra o impeachment da petista, processo que está em curso na Câmara dos Deputados.

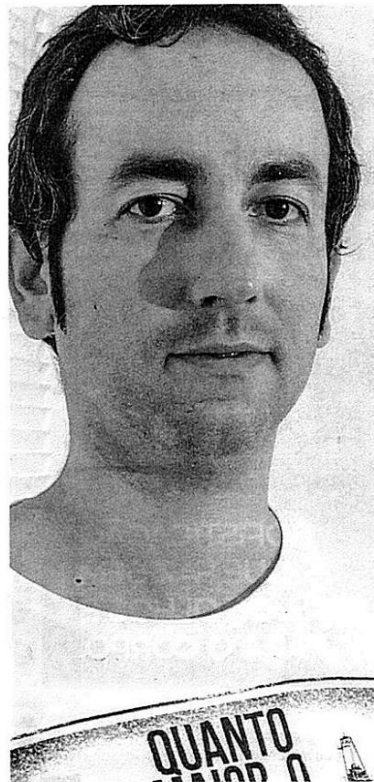
Assim como em vários lugares do país, Florianópolis também tem sido palco dos protestos. Um dos líderes do MBL (Movimento Brasil Livre) em Florianópolis e que participa da organização de manifestações na cidade, Ramiro Zinder, afirma que está convicto da legalidade para aprovar a saída da petista do poder. "São vários crimes de responsabilidade que ela cometeu nesse segundo mandato já. No pedido de impeachment que está no Congresso constam os decretos sem número, repasse irregular do BNDES e da Caixa Econômica", apontou.

De outro lado, Rafael Pereira, que integra o Movimento da UFSC (Universidade de Santa Catarina) contra o Golpe pela Democracia e que apoiou o último ato em favor da presidente Dilma no dia 31, defende a tese do golpe. "Aceitar e tramitar o processo de impeachment sem crime de responsabilidade é um golpe. O que estão se baseando para o pedido de impeachment não são crimes, as chamadas pedaladas fiscais. As contas que o TCU deu parecer contrário não foram nem julgadas ainda", ponderou.

Embora as manifestações estejam divididas, Zinder avalia que a sociedade não está protestando contra partido A ou B, mas, sim, contra todos. "Não acho que há polarização. É uma insatisfação geral como a política é conduzida, os conchavos." Na visão de Pereira, a separação consiste entre "golpistas e não golpistas". "A polarização começa nas eleições, mas vem de antes da realidade do país. Agora se transformou um pouco, mas continua anti-petista. Acho que ela nem está mais anti-PSDB de um lado."

Em meio a esse debate acirrado, as expressões "coxinha" e "petralha" são usadas para chamar manifestantes dos grupos contra e a favor ao governo, respectivamente. "A gente não pode se incomodar com isso. Quando começa a agredir verbalmente e fisicamente, aí é caso de polícia. Mas essas trocas de apelidos são normais. Faz parte do debate, não tem como controlar nem censurar", segundo Zinder.

Já Pereira vê o uso dessas expressões como discurso de ódio. "É um reducionismo que não contribui com nada. A gente quer que as pessoas se contemem com positividade de defender o direito de se manifestar, de estar reunido", propôs.



Ramiro Zinder
a favor do impeachment

Crimes cometidos

A pauta principal do movimento hoje é o impeachment da presidente Dilma por razões que já estão bastante expostas, por crime de responsabilidade que ela cometeu nesse segundo mandato já. No pedido de impeachment que está no Congresso constam os decretos sem número, repasse irregular do BNDES e da Caixa Econômica. Tem outro pedido com mais fundamentação jurídica associada à renúncia fiscal da Fifa, que é um crime de responsabilidade também, e a nomeação do ex-presidente Lula para o cargo de ministro. No nosso entendimento são vários crimes de responsabilidade previstos na lei 1079 e também na Constituição Federal."

Manifestações

Sempre rola 'Fora Cunha' nas nossas manifestações. Mas veja que é um cenário muito complexo. Talvez o menos pior dessa situação seja o próprio Michel Temer. Mas ainda há pendência do julgamento no Tribunal Superior Eleitoral sobre a impugnação da chapa Dilma/temer. A Marina Silva, por exemplo, defende novas eleições. Se isso acontecer, quem governará o país por 90 dias será Eduardo Cunha. Lutamos pelo impeachment da presidente desde março passado e transcorrendo dessa forma, assume o Temer. Seja quem assumir, o MBL não vai acabar porque tem suas pautas. Nós somos suprapartidários e não nos curvamos a nenhum partido. Independente de quem esteja lá, vamos continuar mobilizando contra as pessoas que cometerem crimes. E ajudar na moralização da política no país. Essas pessoas foram colocadas na presidência da Câmara e do Senado por conchavos políticos dos partidos."

Participação popular

Nunca manifestações foram espontâneas dessa forma. Deveriam ter mil pessoas na Beira-Mar, fazendo barulho, com apito, bandeira do Brasil [quando houve o vazamento das gravações da conversa da presidente Dilma com Lula]. As manifestações estão começando a impactar os jovens. O PT está há 13 anos no poder. Jovens com 17, 20 anos não viram o país governado por outra pessoa. Foi o que aconteceu com Fernando Henrique Cardoso, que ficou oito anos no governo e então causou aquele furor de colocar o PT no governo para ver o que aconteceria de diferente. Na minha visão está acontecendo a mesma coisa com os jovens. Eles não têm modelo de comparação."

dia a dia no Brasil

Rafael Pereira
contra o impeachment

Pela democracia

“Aceitar e tramitar o processo de impeachment sem crime de responsabilidade é um golpe. Contra a Dilma não existe nenhuma investigação nem crime. O que estão se baseando para o pedido de impeachment não são crimes, as chamadas pedaldadas fiscais. Outras medidas foram aprovadas pelo Congresso, como a desoneração de impostos para Fifa. Não são crimes. E as contas que o TCU deu um parecer contrário não foram nem julgadas ainda. Sob todos os aspectos, temos convicção de que não houve nenhum crime. Supondo que ela tivesse cometido, não foi nesse mandato. O impeachment está previsto na Constituição, mas da forma como está sendo colocado hoje sem crime ele é um golpe. Isso porque ele se baseia na pouca popularidade do governo.”

Movimento

“O Movimento da UFSC contra o Golpe pela Democracia surgiu espontaneamente. As pessoas foram se encontrando e conversando. A mobilização é difícil, precisa convencer e tempo de conversa. O ato do último dia 18 na UFSC foi por pressão das pessoas que queriam se mobilizar. E foi um sucesso. Não é fácil conversar com as pessoas. A gente tem sentido muita resistência. As pessoas estão cansadas dessa forma de fazer política. Mas cinco minutos de conversa elas acabam pensando melhor e acabam convencidas.”



FOTOS: DANIEL CHERAZOVSKI

Rede social

“Está aflorando realmente um sentimento de ódio muito grande. Hoje as pessoas não têm mais vergonha de fazer discursos homofóbicos, machistas – machistas nunca tiveram. O Facebook já tinha aberto a porteira no sentido das pessoas falarem o que pensam. Mas nesse momento estão mais exacerbadas. Vi um comentário em que uma pessoa dizia que um petista não é cidadão. Se não considera um cidadão, contra um petista vale até matar. Isso expressa um sentimento de ódio que é muito ruim. Nos nossos grupos, temos um lema: não venha odiar aqui. Nem da nossa parte nem da parte de lá. Nos nossos grupos temos cuidado um pouco dos discursos para coibir o discurso de ódio. É um momento de reflexão como reverter isso. Temos feito campanhas: em tempos de ódio, é bom andar amado.”

ND

NA INTERNET
Leia mais sobre a opinião dos especialistas em ndonline.com.br

País dividido desde eleição

O processo eleitoral de 2014 dividiu a sociedade entre os favoráveis e os contrários ao governo federal e ao impeachment da presidente Dilma. “Tivemos um dos resultados mais acirrados dos últimos tempos. Isso legou uma frustração grande em muita gente. Quase metade do país. A presidente sabia que teria dificuldades para governar”, apontou o cientista político Jeison Heiler, o professor da PUC de Joinville.

Há dois grupos, segundo a socióloga Valdete Daufemback, em função da luta de classe. “Mas talvez não seja tão definido assim. Eu diria que tem grupos que não estão defendendo o governo Dilma, mas sim, a democracia, a Constituição”, apontou a professora do Bom Jesus/Ielusc, de Joinville.

De acordo com o cientista político Emil Albert Sobottka, há uma disputa entre uma sociedade que, aos poucos, está se democratizando. “Aqueles que se beneficiam de um sistema econômico concentrador de renda, apoiado pelo Estado, apoiaram o governo de Lula da Silva porque ele, à semelhança de Getúlio Vargas, foi “pai dos pobres” e “mãe dos ricos”. Segundo o professor da PUC-RS, “a troca de poder neste momento de conflito significará um realinhamento das instituições do Estado a serviço dos interesses do segmento privilegiado da população brasileira”.

Radicalização violenta gera temor

O “clima de torcida organizada instalado nas discussões políticas” é alertado pelo cientista político Jeison Heiler. “Entre as torcidas não há diálogo. Vence quem grita mais alto, bate o tambor ou as painelas com mais vigor ou leva mais torcedores para os estádios. Não vejo muito futuro em termos de frutos para o exercício democrático neste tipo de confronto”, lamentou.

A radicalização dos protestos pode amplificar o uso de violência em qualquer dos lados. “Isso é imprevisível. O previsível é o agravamento dos conflitos, caso instituições e agentes envolvidos na crise – no Judiciário, mídia, intelectuais e lideranças políticas – não atuem fortemente em defesa da tolerância, do respeito à diferença e no combate à violência”, afirmou o cientista político Jacques Mick, professor da UFSC.

As expressões “coxinha” e “petralha”, segundo Mick, podem ser consideradas discurso de ódio. Para Heiler, são rótulos. “Todo rótulo traz em si uma violação, uma simplificação que guarda pouca ou nenhuma correspondência com a realidade”, afirmou.

Descrença política é consenso

Pró ou contra o impeachment, manifestantes demonstram descontentamento com a classe política. Esse é um fenômeno que está presente no Brasil há muito tempo, conforme o cientista político Emil Albert Sobottka. “Ele também está bastante disseminado em outros países. O que tem incentivado este desencanto, e a escolha ‘equivocada’ dos candidatos, em boa medida tem sido a personificação e a mercantilização das campanhas eleitorais”, apontou.

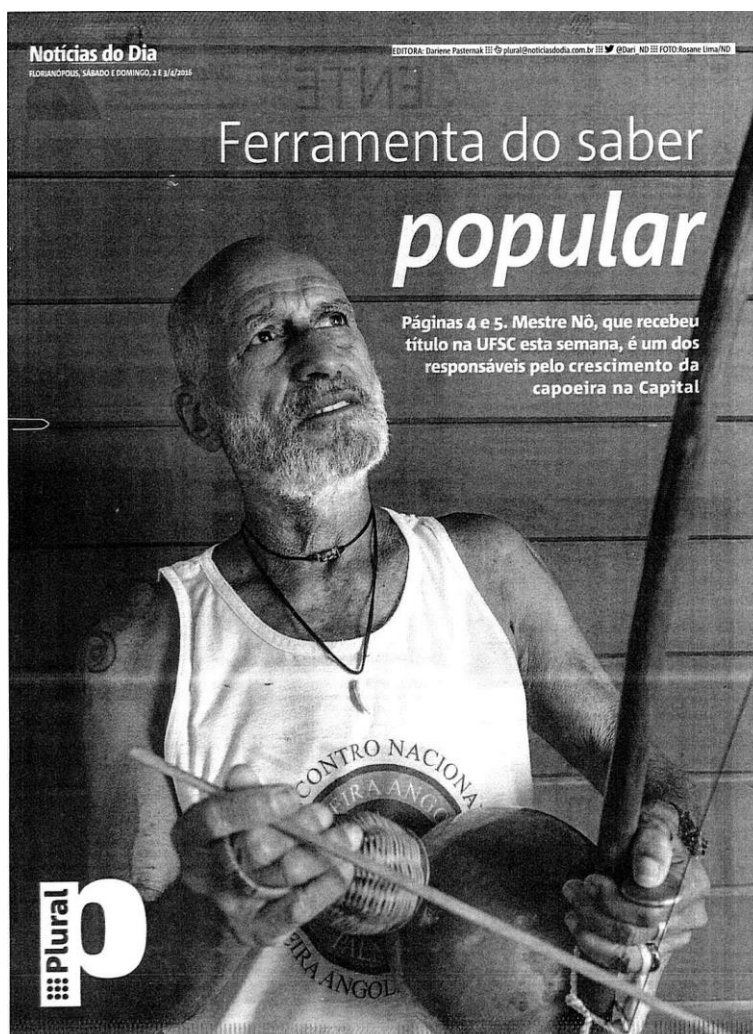
A socióloga Valdete Daufemback concorda que golpe e impeachment sempre estiveram presentes na pauta da política do país. “Temos que entender que há uma herança de coronelismo muito forte no Brasil. Uma elite que não está disposta a dividir o bem-estar com os trabalhadores”, destacou.

Está havendo uma “demonização” da política, conforme o cientista político Jeison Heiler. “Vivem-se tempos, em que milhares de pessoas parecem acordar de um estado de letargia e dormência no que diz respeito à política, e têm ocupado as ruas para manifestar esse sentimento de repúdio à política”, completou.

Notícias do Dia - Plural

“Ferramenta do saber popular”

Ferramenta do saber popular / Mestre Nô / UFSC / Capoeira / Grande Florianópolis / Música afro-brasileira / Lourival Fernando Alves Leite / Mestre Pop / Campo Grande / Mato Grosso do Sul / Universidade Federal de Santa Catarina / Norival Moreira de Oliveira / Ilha de Itaparica / Salvador / Título Notório Saber / Fábio Machado Pinto / Departamento de Metodologia de Ensino / Associação Brasileira Cultural de Capoeira Angola Palmares / Nova York / Rússia / Mestre Calunga / Mestre Alemão / Capoeira da Ilha: história e constituição / Joseane Pinho Correa / Danuza Meneghello / Mestre Pinóquio / João Pequeno / Ferreirinha / Iphan / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / Medalha Zumbi dos Palmares / Roda de Capoeira / Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade / Unesco / Cadastro Nacional da Capoeira / Rosa Costa / Fórum de Capoeira da Grande Florianópolis / Alexandre Cidade / MMA / Mixed Martial Arts / Associação Cultura e Luta / Ascute / Fundação de Esportes de São José / Anderson Silva / Shogun / Kiko Knabben / Cenarium Escola de Dança / Nego Bom de Pulo – Mestre Nô e a Capoeira da Ilha / Trindade / Pantanal / Córrego Grande / Cultura Afro



Roda de história

KARIN BARROS
karin.barros@noticiasdodia.com.br

Sons de berimbaus, pandeiros, reco-recos, agogôs e atabaques são de forte representação na Grande Florianópolis. Não é difícil encontrar pelas ruas do Centro – e em muitos colégios públicos e particulares – um círculo de pessoas, formado em sua maioria por homens, em que dois deles, em meio a música afro-brasileira, partem do “pé do berimbau” para o centro da roda para jogar/lutar/dançar. Eles estão fazendo capoeira.

A história de Florianópolis com a capoeira é de pelo menos 40 anos, desde a chegada de Lourival Fernando Alves Leite, o Mestre Pop, de Campo Grande, no Mato Grosso do Sul. Com ele, outros expoentes do jogo estiveram na cidade e fincaram raízes, entre eles Mestre Nô, que marcou mais um pedaço de sua história na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) esta semana.

Norival Moreira de Oliveira, 71, o Mestre Nô, é um capoeirista nascido na Ilha de Itaparica, em Salvador (BA), e esteve na Capital para receber o primeiro título Notório Saber, concedido pela universidade federal. O reconhecimento, requerido pelo professor Fábio Machado Pinto, do Departamento de Metodologia de Ensino, agracia Nô por ele ser referência mundial na prática e oralidade da capoeira, legítima manifestação da cultura corporal humana, além de ter feito parte do movimento capoeirista do centro universitário. “É a UFSC que se valoriza ao reconhecer o Notório Saber de Mestre Nô. Ao reconhecer este título ela coloca o saber popular entre aqueles que merecem toda atenção dos pesquisadores e professores nas aulas e no ensino, nos estudos e pesquisas, nas extensões e trabalhos realizados pela universidade em prol da sociedade. O saber e a arte popular reasumem seu papel legítimo de promotores da cultura, do conhecimento e da formação superior”, explica o professor Fábio.

Esta foi a primeira vez que uma univer-

sidade brasileira concedeu a honraria a um mestre de capoeira. “Esse título fecha um ciclo gradativo de uma carreira”, resumiu Nô, que começou a jogar aos quatro anos de idade, incentivado pelo avô.

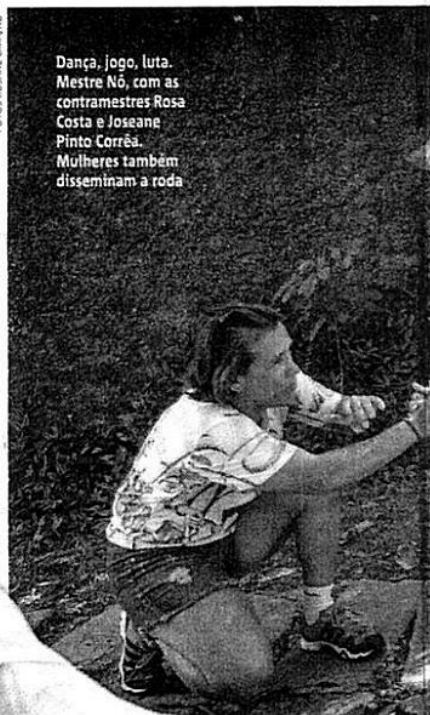
Mestre Nô iniciou sua trajetória na capoeira ensinando ainda nos anos 1960, em Salvador. Em 1979, criou a Associação Brasileira Cultural de Capoeira Angola Palmares, por meio da qual seu trabalho se potencializou, tornando-se um dos principais representantes dessa manifestação. O capoeirista já esteve nos cinco continentes, morou 18 anos em Nova York e hoje atua em todo o país. No exterior, um dos quatro filhos, o “Nôzinho”, dá continuidade ao trabalho do pai na Rússia, com crianças de classe média alta.

A partir dessa socialização, a capoeira, atividade praticada com música, jogo e dança, transcendeu os ambientes populares ocupando lugar de destaque em ambientes universitários, como na UFSC. Mestre Nô esteve presente desde a origem da capoeira na universidade catarinense, no primeiro batismo – em dezembro de 1987 –, contando ainda com o apoio dos Mestres Calunga e Alemão. De acordo com o livro “Capoeira da Ilha: história e constituição”, organizado por Fábio Machado Pinto, Joseane Pinho Corrêa, Danuza Meneghello e Mestre Pinóquio, de 2014, esta foi a primeira vez também que grandes nomes da capoeira angola baiana, como João Pequeno e Ferreirinha, estiveram na cidade.

Mestre Nô recebeu do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) a Medalha Zumbi dos Palmares. A Roda de Capoeira também foi reconhecida, em novembro de 2014, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco. O ofício de mestre de capoeira também é tombado pelo instituto. De acordo com a superintendência do Iphan em Santa Catarina, em 2014, o Cadastro Nacional da Capoeira tinha mais de 800 grupos, 2.000 mestres e 150 entidades como federações e organizações associadas.

FOTOS: ROSANE UMBANO

Dança, jogo, luta. Mestre Nô, com as contramestres Rosa Costa e Joseane Pinto Corrêa. Mulheres também disseminam a roda

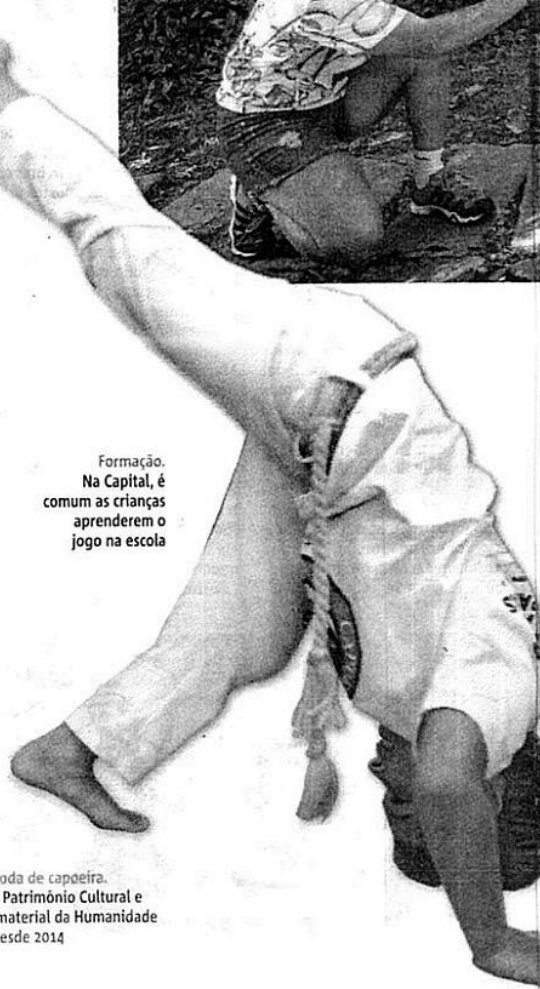


Formação. Na Capital, é comum as crianças aprenderem o jogo na escola

ROSANE UMBANO/INO

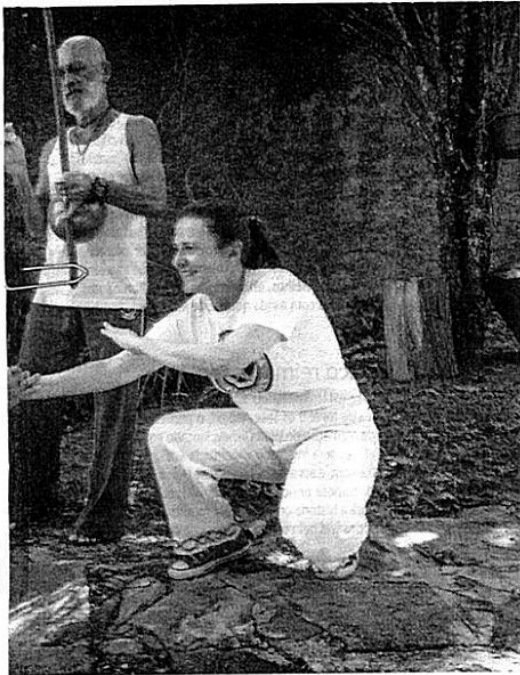


Roda de capoeira. É Patrimônio Cultural e Imaterial da Humanidade desde 2014



Notório Saber. Reconhecido pela UFSC, Mestre Nô ajudou a enraizar a capoeira que hoje está na cultura da cidade

a



Mulheres na roda

As contramestres Rosa Costa, 47, e Joseane Pinto Corrêa, 46, estão entre as capoeiristas mulheres mais antigas de Florianópolis. De acordo com elas, ser mulher na capoeira é tão difícil como em qualquer outra profissão, mas é preciso se impor. "Com o tempo vamos desconstruindo esse preconceito. São pouquíssimas mulheres que conseguem se manter no esporte. Muitas vezes a gente tem que confrontar fisicamente na roda para mostrar que somos capazes. Não é uma regra geral, mas falo por experiência própria, com quase 30 anos de capoeira", afirma Rosa.

Rosa, que é professora de capoeira na rede municipal de São José há 18 anos, atualmente comemora toda a batalha em busca de seus objetivos: em setembro ela vai receber o título de mestre e será a primeira de Santa Catarina. "Tem muito mais homem que mulher praticando, então ela acaba se tornando invisível naquele contexto. A mulher é mais cobrada que o homem, e aí tem que fazer tudo bem, cantar, tocar, jogar, participar das aulas. Tem que se fazer lembrar mais que um homem, e conquistar um espaço que é dominado por homens", explica. Já Joseane é professora na rede municipal de Florianópolis, e acredita que a mulher precisa se manter firme no esporte, mesmo com todo o preconceito. "É preciso se solidificar. No meu grupo de crianças da escola, por exemplo, tem muito mais menina participando", ressalta ela, mostrando a mudança sobre a visão da capoeira também entre as famílias.

As capoeiristas também fazem parte do Fórum de Capoeira da Grande Florianópolis e lutam para a profissionalização do mestre de capoeira. "Os mestres ficam velhos, limitados, é um caminho natural, mas aí eles têm muita dificuldade de sobreviver, por não terem uma aposentadoria, e todos os direitos de outra profissão", aponta Rosa. Outro problema enfrentado no país é quanto ao pré-requisito imposto ao capoeirista para dar aula em colégios públicos ou privados. "Quando as escolas procuram alguém, não basta ser só capoeirista, tem que ser professor de educação física, ou uma pessoa que tenha uma formação acadêmica", explica Joseane.

Novos caminhos pela capoeira

Em maio de 1995, aos 12 anos, Alexandre Cidade conseguiu fazer um acordo com um professor de capoeira e realizar o sonho de começar a jogar isento de taxa. Em 1999 ele começou a dar aulas em colégios particulares, e em 2011, com a vontade de se tornar lutador profissional, partiu para o MMA (Mixed Martial Arts).

Devido a essa escolha, a escola em que praticava a capoeira não admitia a troca de modalidade e não o tornou mestre. Porém, como instrutor, Cidade criou o projeto Associação Cultura e Luta (Ascult), para crianças carentes, em parceria com a Fundação de Esportes de São José, e continuou a dar aulas em escolas particulares. "A capoeira deu um rumo na minha vida para escolher uma profissão, uma filosofia de vida. Viajei o Brasil todo para ver projetos em áreas de risco com a capoeira, em comunidades, e posso afirmar que a capoeira contribui muito

para a formação do caráter das pessoas", conta ele, que já participou de uma seleção de MMA em Las Vegas com os lutadores Anderson Silva e Shogun.

Para ele, o esporte mexe com a autoestima, melhora as relações interpessoais e cria oportunidades. "Claro que não é todos que vamos conseguir salvar, mas a maioria que se envolve com a capoeira tem um caminho novo", explica ele, que se formou em educação física para poder continuar a dar aulas.

Com 180 alunos na capoeira, o lutador de 32 anos acredita que o preconceito com o esporte, que nasceu na época dos escravos, é grande, mas a desvalorização com o que é do país é maior. "A gente tem essa mania de achar que tudo que vem do exterior é melhor. Mas lá fora a capoeira é bem mais valorizada, está presente em diversos setores, coisa que aqui ainda não acontece, porque não acreditamos no potencial cultural e esportivo do país", finaliza.

Conhecimento. Contramestre Kiko é professor de capoeira há 20 anos. Com Guilherme (à esq.), Sofia e Rafael (à dir.) diz que o jogo trabalha coordenação e agilidade



Minicapoeiristas

As crianças, ao darem início à pré-escola, são submetidas pelos pais a diversas aulas extracurriculares, entre elas as esportivas, como futebol, natação, balé e, por que não, a capoeira. Em Florianópolis não é difícil encontrar escolas particulares e públicas que já incluem o jogo na grade curricular ou que oferecem o curso no contraturno.

O contramestre e professor de educação física Kiko Knabben, 42, dá aulas de capoeira para crianças há 20 anos, e para ele é visível a diferença nas crianças em que os pais colocam em uma aula extra e participam efetivamente do momento, para aqueles em que os pais usam a aula como refúgio, por não ter tempo de estar com a criança. "É muito importante saber quem está ensinando o seu filho, porque ele vai virar o ídolo da criança, vai se apegar a ele", explica Mestre Nô, que também é mestre de Kiko, junto aos Mestres Moriel, do Dazaranha, e Calunga. O mestre lembra ainda que na década de 1950 a criança quase não aprendia capoeira, e os praticantes eram poucos, afinal "quem queria aprender a ser malandro?". "Era muito discriminado. Eram malandros por serem tachados pela sociedade, sendo pedreiros, sapateiros e mecânicos. Em Salvador, até hoje, se coloca criança para fazer karatê, futebol ou natação, mas nunca capoeira. Isso acontece so-

nas escolas, que têm obrigação", relata.

Segundo o professor Kiko, que dá aula para a própria filha de dois anos e meio, hoje é mais difícil prender a atenção delas nas aulas. "Antes da internet, tudo o que aparecia era novidade, e agora está tudo muito fácil. Hoje é preciso um esforço maior para ela se interessar por aquilo que você está propondo", explica.

Kiko dá aulas de capoeira também na Cênarium Escola de Dança. A instituição apresenta a opção do jogo há pelo menos dez anos, por opção da diretora, que vê as danças em geral como cultura. O trabalho de Kiko inicia com crianças de três anos, em um método mais lúdico e de brincadeiras, e a partir dos dez é possível começar a lapidar os movimentos. "A capoeira trabalha a coordenação motora, a agilidade e a lateralidade, mas é importante também porque plantamos uma sementinha da história dela e do país, mostro o que isso significa, e ensino muito a musicalidade", conta o contramestre, que dirigiu o documentário "Nego Bom de Pulo - Mestre Nô e a Capoeira da Ilha".

O professor vê muito forte o trabalho da capoeira entre os bairros da Trindade, Pantanal e Côrego Grande, até por conta da UFSC. Para ele, é importante sair da academia e apresentar as rodas nas ruas, para que as pessoas tenham maior conhecimento da cultura afro.

Diário Catarinense
Jefferson Saavedra
"Expansão de Joinville"

Expansão de Joinville / Lei de Ordenamento Territorial / LOT / UFSC /
Paranaguamirim / Vila Cubatão / Aventureiro / Plano Diretor / Expansão
urbana



Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 02/04/2016

[Saavedra: Câmara de Joinville quer mais áreas de expansão na LOT](#)

Notícias dia 03/04/2016

[Segundo Fatma, Praia da Vigorelli continua sem condições para
banho](#)